

Ex-mulher vincula Moreira a assessores de Fleury

Geraldo Magela

CORRUPÇÃO
Na carta que entregou à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), que investiga corrupção no Orçamento da União, a ex-mulher do deputado federal Manoel Moreira (PMDB-SP),

Marinalva Soares da Silva — convocada para depor hoje, às 9h30, na CPI —, denunciou “o íntimo relacionamento” do parlamentar com o Governo do Estado de São Paulo. Afilhado político do ex-governador Orestes Quérzia, Moreira conseguiu estreitar suas relações com os auxiliares de Quérzia que permaneceram no governo de Luiz Antônio Fleury Filho. “O secretário Wagner Rossi, dos Transportes, e Frederico Mazzuchelli, ex-secretário da Fazenda, em dezembro de 1991, deram US\$ 60 mil para o deputado e nessa época discutiam reforma tributária, repasse de dinheiro da União para empresas estatais, principalmente as do setor elétrico”, revelou Marinalva. Moreira foi o presidente da Comissão Ordinária da Câmara que analisou a proposta de ajuste fiscal de 91, enquanto o deputado Benito Gama (PMDB-BA) foi o relator.

Ela apresentou 107 documentos à subcomissão da CPI — formada pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP) e pelos deputados Pedro Pavão (PPR-SP) e Roberto Rollemburg (PMDB-SP) e fez um depoimento informal no início da madrugada de ontem. Suas declarações foram consideradas tão importantes que os três parlamentares decidiram telefonar ao presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA). O senador quis receber os documentos imediatamente. “É importante para a CPI o que ela relatou e os documentos que apresentou”, disse o deputado Roberto Rollemburg. “O plenário da CPI vai decidir se ela vai depor em audiência pública”.

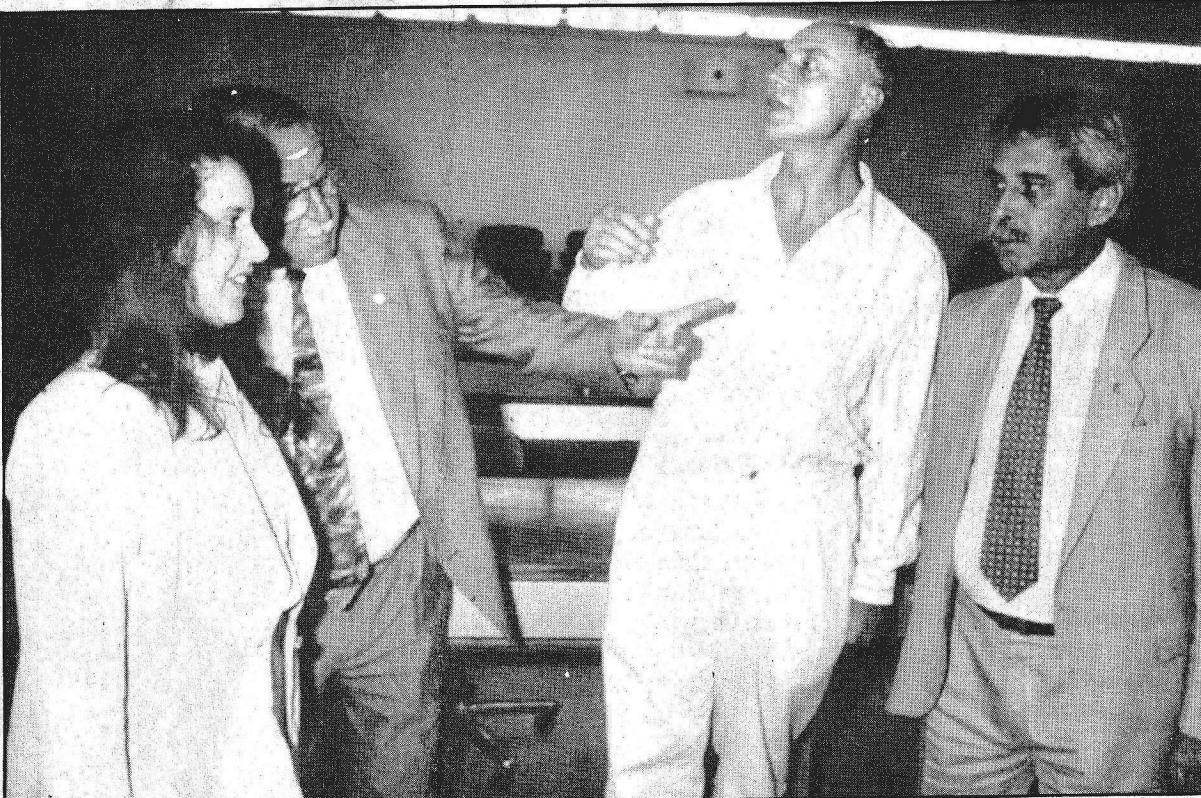
Marinalva aceitou quebrar o sigilo bancário tão logo foi questionada pelo deputado Rollemburg, escolhido coordenador da subco-

missão, apesar de Manoel Moreira também ser do PMDB. Rollemburg disse que foi procurado pelo ex-marido de Marinalva antes da reunião da subcomissão. Mas, depois de ouvir as declarações de Marinalva e ver os documentos, admitiu ser relevante para a CPI o seu depoimento.

Detalhes — Com detalhes, Marinalva citou nominalmente o secretário Wagner Rossi e Frederico Mazzuchelli, atual assessor especial do Governo do Estado. De acordo com Marinalva, o ex-marido mandou o motorista Germínia Avelino da Silveira Neto e um irmão, Natanael Alvares de Araújo, buscarem US\$ 60 mil com Rossi e Mazzuchelli. “Eu mesma fui depois levar esse dinheiro para um dos sócios da empresa Pro-Bombas, chamado Clélio”, contou.

O ex-marido, segundo Marinalva, havia adquirido por US\$ 180 mil 50% da Pro-Bombas. Outro sócio da empresa, de acordo com a ex-mulher de Moreira, Carlos Pinto, contou depois que o deputado pessoalmente entregou-lhe outros US\$ 30 mil. “Os US\$ 90 mil que faltavam ele negocou para pagar em parcelas depois que a auditoria feita pela empresa de um amigo dele, chamado José Orlando Paravelas, dono da H. Matos & Paravelas, preparou um documento afirmando que a Pro-Bombas era deficitária”, disse.

Testemunha — Segundo ela revelou à subcomissão, foi testemunha do envolvimento de Moreira com a empreiteira Lix da Cunha, de Campinas, que ganhou a concorrência dos Ciacs de São Paulo com verba do Governo Federal. “Fui interlocutora de uma conversa com o dono da empresa de transportes de passageiros Bonavita, José Afonso da Costa Bittencourt, que me explicou o que significava conseguir um “corredor de ônibus” em São Paulo”, disse. Marinalva explicou que Bittencourt é cunhado do dono da empreiteira Lix da Cunha, Moacyr da Cunha Penteado, conhecido por “Cizinho”, e que os contatos do deputado Manoel Moreira com os dois se intensificaram na época em que foi anunciada a construtora vencedora da concorrência dos Ciacs.



Marinalva revelou aos parlamentares que seu ex-marido recebeu US\$ 60 mil de assessores de Fleury